

Resenha

O delicado lugar do suicídio na imprensa

(DAPIEVE. Arthur. **Morreu na Contramão: o suicídio como notícia.** Rio de Janeiro: RJ, Jorge Zahar, 2007. 191 p)

Cláudia CARVALHO¹

O jornalista Arthur Dapieve² escreveu "Morreu na contramão - o suicídio como notícia" (Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2007), como resultado de uma pesquisa que desenvolveu para o mestrado na PUC-Rio. É uma obra que aborda em profundidade e com uma perspectiva histórica como a imprensa lida com a delicada questão da morte voluntária. Há um vácuo nesta temática, até hoje abordada no Brasil por apenas dois autores ligados ao jornalismo, tendo sido Dapieve o que mais explorou as dificuldades da mídia no trato com o suicídio, dedicando à problemática todo o teor de seu livro. Da obra base de Émile Durkheim (O suicídio) até estudos mais recentes, o jornalista retrata que pouco evoluímos positivamente em séculos de abordagem. A mudança, basicamente, consistiu em deixar de expor minúcias dos fatos para quase que totalmente ignorá-los, por medo de difundir uma espécie de contágio.

A obra de Dapieve está estruturada em cinco capítulos: *Nas entrelinhas do noticiário*, *Dois escritores em Turim (Durkheim e sua tipologia clássica do suicídio)*, *Um casal em Londres: Relações perigosas entre noticiário e morte voluntária*, *Um presidente no Catete: o velho tabu visto no Brasil do século XXI* e *Encarando o suicídio*.

O foco de "Nas entrelinhas do noticiário" é explicar como surgiu a ideia de que a divulgação da notícia do suicídio pode gerar um efeito de imitação. Esse temor foi verificado pela primeira vez não através da influência da imprensa, mas de uma obra literária: "Os Sofrimentos do Jovem Werther" (1774), de Johann Wolfgang von Goethe narra as desventuras do protagonista que, rejeitado pela amada, decide dar cabo da própria vida com um tiro de pistola. Em pleno romantismo, muitos jovens europeus repetiram o modo de suicídio do personagem e seus cadáveres foram encontrados ao

¹ Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: claudiacarvalho@gmail.com

² Arthur Dapieve é jornalista, escritor, professor de jornalismo da PUC-Rio e Mestre em Comunicação Social.

lado de exemplares do romance. Cunhou-se à época a expressão "Efeito Werther" para descrever situações em que mortes - especialmente de artistas - serviam de "inspiração" a outrem. Exemplo desse peculiar "contágio" também pôde ser mensurado em um estudo realizado na década de 70 e que mostrou que o número de suicídios aumentou 12% nos Estados Unidos em agosto de 1962, mês em que Marilyn Monroe pôs fim à sua vida. S. Stack, da Universidade Estadual de Wayne, em Detroit, ressaltou que os meios impressos teriam 82% mais poder de influenciar um suicídio que a TV. Segundo ele, as notícias de jornal frequentemente eram lidas e guardadas, além de também encontradas ao lado dos corpos das vítimas, enquanto que os fatos televisados normalmente passavam despercebidos em poucos segundos de exibição.

Dapieve escolheu como técnica para seu trabalho a observação participante e centrou sua análise nas notícias de suicídio veiculadas no jornal O Globo, onde trabalhava, durante o ano de 2004 e utilizou-se, ainda, de escritos de autores famosos como Roland Barthes, Jean Baechler e George Minois, além de Karl Marx, que concebeu em 1846 um texto pouco conhecido: "Sobre o suicídio", em que defendia os suicidas das acusações de covardia e anormalidade. "Mais de um século e meio depois, com as taxas de suicídio mantendo curvas ascendentes, continuamos como testemunhas, mas de um tipo muito particular: aquele que se recusa a ver o que ocorre à sua volta. Nisso, como noutras coisas, a imprensa é nosso espelho" (p. 23).

Durkheim e sua tipologia clássica do suicídio, o segundo capítulo, examina os autocídios de dois grandes escritores italianos: Cesare Pavese e Primo Levi. O primeiro ingeriu uma dose letal de barbitúricos e o segundo, se jogou do vão de uma escada para uma queda de 15 metros. Muito se especulou sobre a saúde mental de ambos para encontrar uma razão para a decisão de encerrar suas vidas. Da mesma forma, Émile Durkheim também procurou essa resposta em seu clássico *O Suicídio* (1897), tratando o assunto não como uma doença, mas como um fenômeno da razão, o que contrariava as crenças da época, centradas em taxar os suicidas de loucos ou possuídos pelo demônio. Citando estatísticas, o sociólogo francês provou que os países onde há mais loucos, são os que menos registram suicídios, eliminando, assim, a relação entre loucura e busca pela morte. Para ele, o suicídio tinha a ver com o grau de envolvimento do indivíduo com sua sociedade. Exemplo seria o fato de que os homens se matavam quatro vezes mais que as mulheres. No século XIX, eles tinham uma vida social muito mais ativa que

elas. Até mesmo as horas do dia corroboravam essa tese: a maioria das mortes voluntárias eram registradas no chamado "horário comercial", em que há mais intensidade do convívio social. Coube a Durkheim também criar uma tipologia dos suicídios. Ele chamou de egoístas aqueles que se matam por razões eminentemente pessoais, como o poeta Serguei Essenin e o roqueiro Kurt Cobain, que já não viam razão na vida. Já os altruístas são excessivamente integrados a seus grupos e se matam por motivações que vão para além da existência: é o caso dos camicases japoneses ou dos jihadistas, que vêem na morte voluntária uma lisonja. Finalmente, há os anômicos, aqueles que surgem em situações em que a sensação de equilíbrio social é quebrada. Enquadram-se neste padrão os casos verificados, por exemplo, em épocas de crise financeira, não apenas pela falta de dinheiro, mas pelo clima de perturbação da ordem social.

Dapieve acredita que a análise do papel dos meios de comunicação, como fatores de integração da sociedade, pode ajudar a entender a taxa social de suicídios que tem uma curva ascendente em todas as épocas. Ele cita ainda Durkheim ao concordar que as mortes voluntárias são "contagiosas", não se entendendo assim como um vírus ou carga genética, mas como uma tendência inserida em um contexto social, passível de acontecer em indivíduos de alguma maneira próximos. Em seu estudo, o jornalista ainda menciona Albert Camus para evidenciar a importância de discutir o suicídio: "Existe apenas um único problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida significa responder à questão fundamental da filosofia", retirada de *O mito de Sísifo*, obra dedicada ao suicídio e os vínculos com o absurdo.

O papel da mídia e sua influência no desfecho de mortes voluntárias seriam novamente explorados no capítulo *Um casal em Londres: Relações perigosas entre noticiário e morte voluntária*. A partir do episódio em que Richard e Bridget Smith se enforcaram depois de matar o filho de dois anos com um tiro na cabeça, o autor deslinda um panorama da imprensa inglesa na cobertura de fatos semelhantes. Três bilhetes deixados pelo casal foram publicados nos jornais da época e deram um tom de humanização à figura daqueles que desistem da vida. Essa abertura de tolerância em relação aos suicidas foi abordada em uma outra obra importante: *"Sleepless Souls: Suicide in Early Modern England"*, dos historiadores americanos Michael MacDonald e Terence R. Murphy. Ainda assim, as coberturas de outros suicídios na Inglaterra e na

América seriam ilustrativas do poder de disseminação do "contágio" irradiado pelos jornais. Dois impressos de São Francisco decidiram publicar uma contagem de suicídios cometidos a partir da ponte Golden Gate, um dos locais mais procurados por americanos desejosos de encontrar a morte. A publicação dos números fez com que os casos aumentassem e que os suicidas até produzissem placas com seu número no rol das vítimas. Foi preciso que um grupo da sociedade civil liderado por um promotor recorresse às empresas para que cessasse a publicidade mórbida. Já em Londres, no início do século XVII, o temor da Peste Negra e a intenção de alertar sobre os riscos da doença em determinadas áreas fez com que autoridades anunciassem as mortes em seções jornalísticas chamadas *Bills of Mortality* (contas da mortalidade ou listagem de mortos). Neste cômputo, também eram incluídos os suicídios em suas variadas modalidades e os cidadãos ingleses passaram a perceber que esse tipo de morte acontecia com grande frequência, o que ocasionou a criação do termo "*Doença Inglesa*", um eufemismo para descrever o ato de se matar. Uma hipótese elaborada por Durkheim e citada por Dapieve explica o papel dos jornais na potencialização do desejo suicida. "O aumento de casos de suicídio ou assassinato não se daria por se falar nele, simplesmente, e sim pela maneira usada para se falar nele. Se tais práticas despertassem abominação, esse sentimento seria passado pelos relatos, que neutralizariam mais do que excitariam predisposições individuais" (p.60).

Coube à pesquisa de Murphy e MacDonald aferir que o crescimento da imprensa e do número de pessoas alfabetizadas fez com que os jornais ampliassem o alcance de informações anteriormente transmitidas apenas pela oralidade. Para eles, o moderno texto jornalístico, com apuração detalhada dos episódios, ajudou a caracterizar o suicida como uma pessoa normal que atravessava um mau momento.

Já o quarto capítulo, *Um presidente no Catete: o velho tabu visto no Brasil do século XXI*, atualiza o problema para a nossa época, usando como chamariz um dos mais comentados casos de morte voluntária: a do então presidente Getúlio Vargas, que se matou com um tiro no peito em 24 de agosto de 1954, em meio a uma intensa crise que gerou seu isolamento e a oposição da maioria dos veículos de Comunicação. O gesto de Vargas, contudo, fê-lo reverter a maré baixa à qual estava relegado naquele momento. O jornal Última Hora, um dos poucos a manter o apoio ao presidente, esgotou sua edição naquele dia chegando a vender 800 mil exemplares ao destacar que

Vargas havia cumprido a promessa de só sair morto do Catete. A carta testamento deixada por ele foi reproduzida por todas as rádios e jornais e fez da morte de Getúlio não um sinal de fraqueza, mas um sacrifício - descrito com grandiloquência – em nome do bem do povo.

Naquela época, segundo Dapieve, ninguém pensou em deixar de noticiar o suicídio do presidente. Além de fato célebre e envolvendo o chefe da nação, nos anos 50, no Brasil, não havia o pensamento de restringir as informações envolvendo a morte voluntária. A editoria policial e a exposição sensacionalista de crimes e fatos mórbidos eram o chamariz dos jornais. Mas, isso mudou ainda no decorrer da década de 50 com a adoção do estilo americano de redigir notícias, com o uso do lead, que dispensava os exageros e até a “criatividade” que muitos jornalistas da época utilizavam para fazer as matérias parecerem mais atrativas. A partir de 1954, os jornais brasileiros passaram a discutir a ética e criaram manuais de redação que não raro desaconselhavam a divulgação de suicídios, ressalvados os casos especiais, notadamente os que envolvessem figuras públicas ou que se dessem em circunstâncias “fora do comum”.

Ainda neste capítulo, o autor enumera uma série de entrevistas com editores de jornais que explicam a política adotada por seus veículos em relação ao noticiário de casos de suicídio. A maioria revela cautela com a abordagem e teme que ela possa “contagiar” os leitores, mas o advento da proliferação de empresas de comunicação, com inúmeros sites e blogs faz com que seja praticamente impossível evitar que a informação circule com muita rapidez. Outro dado trazido à baila por Dapieve foi o número de notícias relativas ao suicídio em O Globo em 2004. Foram 142 referências, sendo que quase a metade se relacionava ao cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, que mereceu um caderno especial de 16 páginas. O escritor narra alguns dos episódios mais peculiares e analisa que não foi a imprensa a criar a máxima de que as notícias de suicídios podem gerar um efeito de repetição “A própria imprensa foi contagiada pela ideia do contágio, que lhe é externa e anterior.

Finalmente, em *Encarando o suicídio*, o autor explica que parte da atração que as notícias envolvendo suicídio causa vem da natureza dos fait divers, de acordo com a definição do semiólogo Roland Barthes porque representa um fato espetacular, uma ruptura da ordem natural, um evento inesperado e representariam a parcela do noticiário que escapa à politização: “Eventos que, ao menos na aparência se fecham em si e para

si, se esgotam nos próprios enunciados, não têm um contexto exterior, são uma informação calada” (p162).

O medo da imprensa de abordar o suicídio é o de fazer um fait diver se transformar e ao invés de refletir uma situação personalíssima, ser alçada a um outro nível, como o do suicídio de Vargas que se ligava a fatos políticos e se relacionava com a vida de todo um país. Mas, uma questão continua sem resposta. Não noticiar as mortes voluntárias ajuda a reduzi-las? Para tentar responder a esta indagação, Dapieve cita os esforços de um artigo da radialista norte-americana Cindi E. Deutschman-Ruiz. Ela explica que a omissão da divulgação não resolve o problema, que reside na forma como a notícia é divulgada. Em síntese, ela aconselha a imprensa a não tratar o fato como resultado de um evento isolado, entendendo que ele é gerado com antecedência por outros fatores. Além disso, recomenda que não sejam dados detalhes sobre como o suicídio foi praticado, para evitar que haja imitação e também aconselha que não se associe o suicídio a patologias mentais. Por último, que sejam dadas informações sobre recursos que possam ajudar os potenciais suicidas, como o acesso ao Centro de Valorização da Vida.

O livro de Arthur Dapieve, cujo título veio de um verso da canção *Construção*, de Chico Buarque de Holanda, enfoca uma questão importantíssima para a imprensa brasileira que além de evitar noticiar o suicídio também tem se mantido à parte da discussão sobre a abordagem do assunto. Silenciosa desta forma, não colabora para reduzir os estigmas reinantes a respeito de potenciais suicidas. Estes, evitam falar sobre o suicídio temendo serem tratados como loucos ou possuídos pelo demônio, de acordo com a opinião ainda comum do cidadão médio. O texto do autor é objetivo e usa muitos exemplos de notícias ou cartas de suicidas para ilustrar as questões problematizadas em cada capítulo. Apesar de ser muito eficiente no embasamento interdisciplinar e ao expor a problemática, “Morreu na contramão” dedicou pouco espaço a explicitação de formas que pudessem ajudar os jornalistas a resolverem a questão da dificuldade da imprensa na divulgação do suicídio. O autor também defende a controversa tese compartilhada pelo antropólogo José Carlos Rodrigues de que “buscar a morte pode ser uma afirmação do direito à liberdade e à dignidade” (p. 171), caso extremo que se justificaria talvez em situação de enfermidade gravemente incapacitante ou dolorosa e que não raro chega aos tribunais, tão grande é nosso apego à vida.